

CRIAÇÃO DE DISPOSITIVOS METODOLÓGICOS E DE AMBIÊNCIAS TRANSFORMATIVAS NA PESQUISA-FORMAÇÃO

Dra. Mayra Rodrigues Fernandes Ribeiro ☎ 0000-0002-4135-3131
Ms. Bruna Rafaela Evangelista Oliveira ☎ 0000-0002-1501-5497
Ms. Clédna Kalyne Medeiros Dantas Alves ☎ 0000-0002-3868-8838
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

RESUMO: Neste artigo objetivamos apresentar dispositivos metodológicos autorais e a bricolagem epistemológica da/na pesquisa-formação de duas dissertações de mestrado defendidas no ano de 2019 no Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Inspiramo-nos nas abordagens epistemológicas multirreferencial (ARDOINO, 1998) e nos cotidianos (CERTEAU, 2014; ALVES, 2015), que nos possibilita assumir uma postura outra de pesquisadoras ativas e implicadas com o processo de fazer pesquisa

em uma relação formativa que é devir. Aprendemos e tecemos ambiências formativas com os sujeitos da/na pesquisa com um rigor outro (MACEDO, 2009), afastando-se do reducionismo positivista de enquadramento e dirigindo-se para a produção do conhecimento em diálogo com os saberes produzidos no cotidiano. Os resultados evidenciam a possibilidade do inesperado, do caminhar na pesquisa incluindo-se no processo de suceder, sendo, portanto, potência formativa em um devir autorizante.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa-formação; dispositivos autorais; multirreferencialidade; cotidianos.

CREATION OF METHODOLOGICAL DEVICES AND TRANSFORMATIVE ENVIRONMENTS IN TRAINING RESEARCH

ABSTRACT: This study has as objective to introduce methodological devices authorial and the epistemological playfulness of / in research-formation of two dissertations of master defended in 2019, in the program of postgraduate in education at the State University of Rio Grande do Norte - POSEDUC / UERN. We are inspired in epistemological approaches multi-referential (ARDOINO, 1998) and in daily routine (CERTEAU, 2014; ALVES, 2015), that enables us to assume a different posture of active and involved researchers with / in the process of doing research in a

formative which that is to become. We learn and weave formative environments with the subjects of / in the research with a “rigor other” (MACEDO, 2009), coming out of the positivist reductionism of framework for the production for knowledge reduction in dialogue with the knowledge produced in daily life. The results show the possibility of the unusual, of the unexpected, of progress in the research, including itself in the process of transforming itself, being, formative in an becoming authorizing.

KEYWORDS: Research-training; copyright devices; multi-referentiality; everyday.



1 PESQUISA-FORMAÇÃO: DISPOSITIVOS METODOLÓGICOS COM UM RIGOR OUTRO

A formação está em constante fazer-se. Os *saberes-fazer*ⁱ são elaborados cotidianamente na relação com o eu, o outro e o mundo (MACEDO, 2010) em *espaçotempos* plurais, contraditórios e imprevisíveis de aprendizagens; na ampliação de significações. Entendemos que a formação requer comprometimento e alteraçãoⁱⁱ que se tece na relação multiforme dos sujeitos em sociedade. Com a pesquisa-formação nos propomos a refletir acerca desse processo formativo, que traz para a pesquisa a possibilidade da diferença e singularidade dos atores envolvidos, vistos como personagens conceituaisⁱⁱⁱ (ALVES, 2010).

No presente trabalho, lançamos a pesquisa-formação como procedimento epistemológico e político que ao articular saberes científicos aos saberes cotidianos potencializam a aprendizagem de sujeitos que estão situados nos contextos formativos, em processos de ressignificações constantes (RIBEIRO, 2015). O artigo em foco apresenta os dispositivos formativos elaborados na construção metodológica da pesquisa-formação de duas dissertações de mestrado defendidas no ano de 2019 no Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do norte – UERN, as quais não foram produzidas com base em hipóteses e categorias planejadas, mas no exercício epistêmico e disposta de bricolagens^{iv} fundamentadas em narrativas científicas e saberes construídos nos/dos/com os cotidianos.

Problematizamos as raízes científicas de cunho positivista que nutrem a ciência moderna e sua possível limitação a um conhecimento colonizador, hierárquico, estratificado e quantificado da própria vida. O rigor proposto nos estudos citados não se define como forma única de fazer ciência e sequer pretende definir os caminhos para o encontro com a “verdade”, pelo contrário, mostra acessos de formação junto aos sujeitos da/na pesquisa em uma relação mútua de aprendizagem heterogênea; pesquisa com um rigor-outro (MACEDO, 2009).



Dialogamos com uma forma outra de pensar e construir os percursos da pesquisa, em termos técnicos, éticos, estéticos e políticos, que possibilita a qualidade na produção do conhecimento sem anular o que é diverso ao humano (MACEDO, 2009). Para isso, empregamo-nos da abordagem multirreferencial de Ardoino (1998), que permite fazer uma:

[...] leitura plural dos objetos (práticos e teóricos), sob diferentes pontos de vistas, que implicam tanto visões específicas quanto linguagens apropriadas às descrições exigidas, em função de sistemas de referenciais distintos, considerados, reconhecidos explicitamente como não redutíveis uns aos outros, heterogêneos (ARDOINO, 1998, p. 24).

Esse posicionamento nos permite olhar para os sujeitos não de forma determinante e superior, mas através de lentes plurais que oportunizam ver maneiras de perceber o mundo, a ciência, o conhecimento, o outro e a própria ação no social e conosco mesmo (BARBOSA, 2012). Encontramos a oportunidade de caminhar para si (JOSSO, 2010), de nos percebermos em formação, ao passo que tecemos perspectivas formativas para os personagens da/na pesquisa. São pesquisas que se desenvolvem nos/dos/com os cotidianos, em um mergulho com todos os sentidos (ALVES, 2001) em *espaçostempos* de envolvimento com pessoas e cenários, em uma tessitura de saberes em que cheiros, sabores, gestos e sentidos dos mais variados estão envolvidos.

Por conseguinte, mobilizamos neste artigo dispositivos metodológicos acionados nas pesquisas de mestrado intituladas *Leitura na cibercultura: dispositivos para a ampliação dos multiletramentos* (OLIVEIRA, 2019) e *Cartografia de si: processo formativo no PIBID Geografia em perspectivas plurais* (ALVES, 2019), nas quais as metodologias não foram determinadas *a priori*, mas no desenvolvimento dos estudos, em elaboração autoral e situada no ato de produção de sentidos, exercitando, as autoras, um olhar plural para si e o fenômeno tratado.



2 TESSITURAS METODOLÓGICAS: A PESQUISA-FORMAÇÃO COM UM RIGOR OUTRO

Ao iniciarmos uma formação *stricto sensu* (mestrado) e, por conseguinte, uma pesquisa acadêmica, vários questionamentos nos acompanham: como realizarmos-la? Quais os fundamentos teórico-metodológicos? Quais procedimentos? A quem serve os resultados? As respostas a essas e outras indagações são complexas e várias, a depender da perspectiva por quem realiza o estudo, ou, ainda, pela negociação de sentidos entre orientador e orientado.

Em nossas pesquisas, a opção por um rigor outro nos mobiliza para o encontro formativo implicado, autoral, plural e de abertura ao heterogêneo (ARDOINO, 1998). O despertar para o aguçamento de sentidos só é possível com a imersão profunda no cotidiano, para o encontro com o novo, o não percebido e por isso mesmo fomentador de uma outra forma de dizer, literaturizando a ciência e bebendo das mais diversas fontes presentes no comum (ALVES, 2001). Esse caminho não é dado, mas tecido em conjunto com o outro, no anfêmero e suas tantas facetas. Em Ribeiro e Santos (2017), motivamo-nos para esse *pensarfazerser* pesquisador implicado com/na pesquisa-formação multirreferencial e os cotidianos, conforme ilustração (Figura 1).

Figura 1 - Bricolagem epistemológica e metodológica na pesquisa-formação.



Fonte: Ribeiro e Santos (2017, p. 30).



Com essa motivação, que traz o contexto da cibercultura como saber contemporâneo e a pesquisa-formação multirreferencial com os cotidianos na centralidade da ilustração evidenciada (Figura 1), realçamos a premissa de Macedo (2010, p. 81), ao citar que “[...] uma das primeiras tarefas do cientista social é deixar claro o conteúdo de sua tessitura dissertativa, explicitando a teoria que dá feição e dinamiza seus instrumentos e os seus dados de pesquisa [...]”. Desse lugar de pensar e fazer pesquisa seguimos nos envolvendo com a criação de ambiências (auto) formativas e acionando dispositivos que engendram perspectivas de auto-hetero-eco formação. Criamos *espaçotempos* de narrar de si, de escuta dos praticantes culturais e de teorização de práxis vividas e sentidas na cidade e ciberespaços.

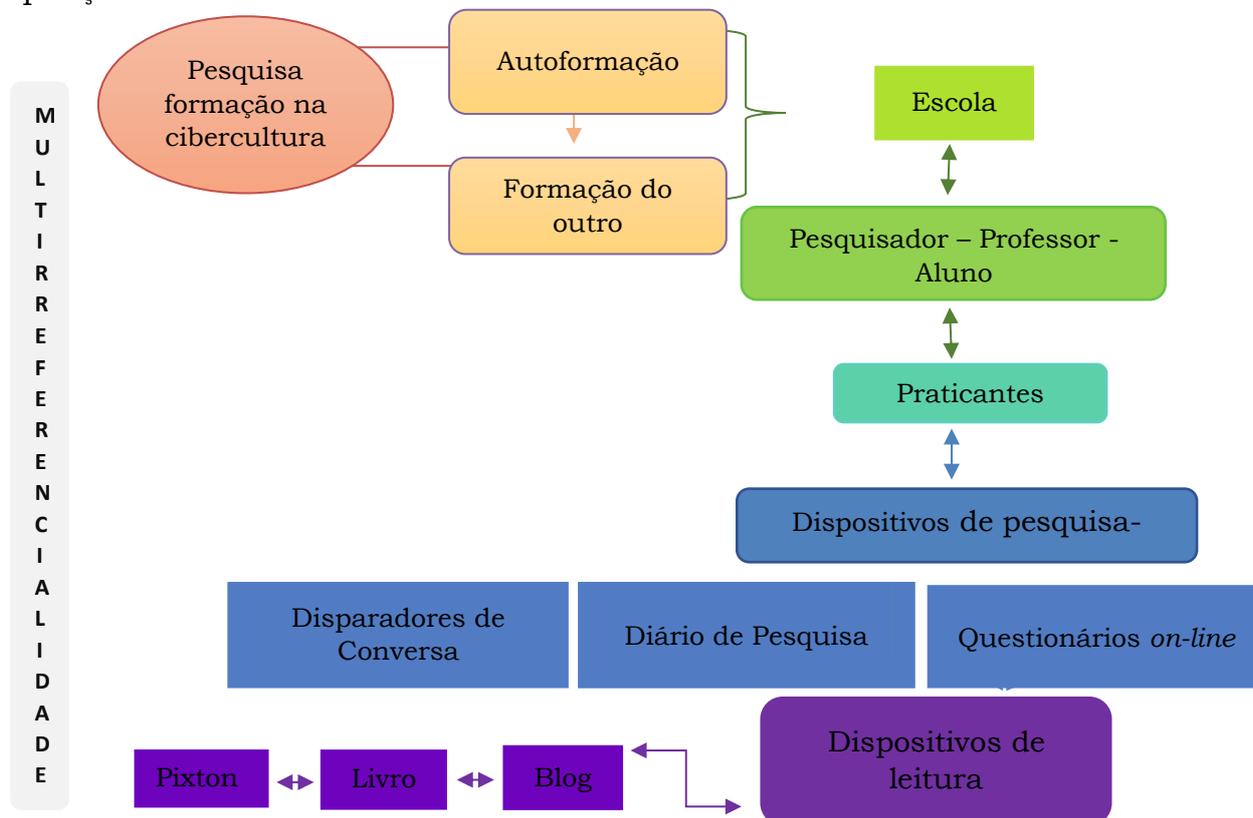
3 AMBIÊNCIAS TRANSFORMATIVAS NA PESQUISA-FORMAÇÃO: A CRIAÇÃO DE DISPOSITIVOS DE LEITURA

Nos aventuramos em desengessar uma possível linearidade que enquadra e padroniza em busca de caminhos outros de formação que permitem a reflexão dos sujeitos da pesquisa, em um movimento que é tecido no decurso. Os caminhos metodológicos foram definidos no contexto do estudo, com direito à mudança de itinerário e evolução de amadurecimento e significação.

O Infográfico abaixo (Figura 2) situa a criação do dispositivo metodológico da pesquisa-formação multirreferencial na cibercultura (SANTOS, 2014) em estudo realizado no ano de 2019 em uma escola municipal da cidade de Mossoró/RN, intentando mobilizar dispositivos de leitura que potencializem os multiletramentos de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. Na pesquisa, a produção do saber se fez no próprio fazer reflexivo, por isso nos colocamos como sujeitos da pesquisa, implicadas com a formação do outro, também participe da investigação, na qual as ambiências formativas (Blog, quadrinhos, disparadores de conversa^v) foram acionadas para/na construção de autorias plurais.



Figura 2 - A pesquisa-formação na cibercultura: dispositivos de leitura para a ampliação dos multiletramentos.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Nesse cenário, nos encontramos no papel de formadoras e formandas, simultaneamente. Pesquisador, campo de pesquisa e sujeitos estiveram imbricados na construção de saberes. Assim, as noções de que o pesquisador é o produtor do saber científico e o sujeito fornecedor de dados para a realização da pesquisa vêm sendo desconstruídas. No nosso caminhar, todos os partícipes produzem conhecimentos para e na pesquisa, são autores desse processo formativo.

Os dispositivos de pesquisa-formação são *vividospraticados* com os sujeitos nas atividades concebidas para conhecer o campo. Professores e alunos protagonizam, produzem narrativas e conhecimentos situados em suas redes de significação, produzidas em múltiplos *espaçostempos* de formação e de sentido. Desse modo, mobilizamos disparadores de conversa na intenção de produzir



narrativas entre nós, pesquisadoras, os professores da escola e os alunos do 5º ano, vislumbrando encontrar pistas na relação usual com as tecnologias digitais.

O diário de pesquisa, proposto por Barbosa e Hess (2010), foi mobilizado como espaço de escrita de si e dispositivo autoformativo, usado por se aproximar do imaginário de uma escrita pessoal, de vivências ou acontecimentos cotidianos. Assim, realizamos o exercício escritor com o propósito de nos aproximarmos de nós mesmos enquanto sujeitos em formação. Nesse exercício não realizamos apenas a descrição das vivências experienciadas no estudo, há reflexão, a percepção da complexidade como parte integrante do nosso *ser* existencial e profissional (BARBOSA; HESS, 2010), situado na implicação, no olhar plural de si e do fenômeno tratado.

Os questionários *on-line* foram acionados como meio de interação com os sujeitos da pesquisa, a fim de conhecer mais suas realidades e percepções sobre o uso das tecnologias digitais *dentrofora* da escola. Conceber a vivência desses personagens é condição para criar ambiências formativas propulsoras de sentidos. Desse modo, para que os caminhos sejam atribuídos às experiências vividas é preciso envolvê-los na produção do conhecimento. Por isso, os dispositivos mobilizados partem da realidade por eles experienciada e das relações com esses espaços (KINCHELOE; BERRY, 2007).

Frente ao cenário *sentidopercebido* é que apresentamos os dispositivos de leitura. Ao tratar de uma pesquisa que dialoga com a leitura e os multiletramentos na cultura digital, mostramos dos inventos que se interligam aos nossos objetivos e à realidade em que os sujeitos estão inseridos. O livro aparece como mecanismo de conhecimento, o aplicativo *pixton*^{vi} como *espaçotempo* de produção digital de leitura e escrita e o blog como interface de criação, interação e compartilhamento de nossas atividades, todos denominados de ambiências (trans) formativas da/na pesquisa-formação.

Em Oliveira e Ribeiro (2019), destacamos a produção textual mediante aplicativos que impulsionam as práticas de leitura e escrita, ou seja, a interação com os multiletramentos motivam os alunos na construção do conhecimento no



cotidiano escolar. Ao se sentirem independentes para criarem seus trabalhos nos computadores, produzem-nos e compartilham nas redes.

Em um processo de transformação da/na pesquisa-formação concordamos com Ribeiro (2015), ao dizer da contribuição em criarmos currículos que favoreçam o letramento digital docente e discente em uma perspectiva em devir da formação do autor cidadão na cibercultura, para a qual:

Nos remete à cidadania que se constrói na relação *cidadeciberespaço*, em *espaçotempos* de aprendizagens plurais nos quais nos autorizamos como autores que pensam e fazem currículos em seus cotidianos, enredados pelos/nos conteúdos formais de ensino, relações sociais, manifestações culturais” [...] (RIBEIRO, 2015, p.152).

Iteramos em nossos estudos que a *aprendizagemensino* precisa estar diretamente relacionada com a vida e cultura de alunos e professores. Como espaço de formação cidadã, a escola não pode ficar alheia ao que se passa no cenário sociotécnico (SANTOS, 2014). À vista disso, a mobilização de dispositivos de leitura oportuniza a essa instituição educativa perceber outras formas de introduzir atividades que fomentem nos alunos aprendizados na relação *cidadeciberespaço*.

Os dispositivos acionados na pesquisa nos mostrou a importância da pesquisa-formação como devir (trans) formativo de sujeitos autorais que produzem conhecimento em diálogo com os saberes produzidos no cotidiano, em constante olhar para si pesquisador, enquanto percebe o fenômeno em estudo.

4 AMBIÊNCIAS TRANSFORMATIVAS NA PESQUISA-FORMAÇÃO: O PIBID GEOGRAFIA EM PERSPECTIVAS PLURAIS

A pesquisa-formação multirreferencial com os cotidianos se apresenta complexa a partir do olhar de quem a realiza e se debruça sobre a vida de maneira sutil, reconhecendo a estética do inacabamento e a certeza da busca trans (formativa) de si e do outro.



Pensar/fazer pesquisa com os cotidianos é redescobrir lugares, concepções, os outros e a si mesmo. Oliveira (2007) assenta da importância dessas práticas emancipatórias na rotina escolar e do interesse de uma obra coletiva, na qual a cegueira de uns pode ser minimizada pela capacidade de ver de outros, portadores de outras cegueiras. O enveredar pelas pesquisas com rigor outro nos possibilitou decifrar o pergaminho (ALVES, 2001) e ver o que há por trás dos acontecimentos, e, ainda, o avesso na maneira de ver e sentir. Foi preciso revolver o que já havíamos ajustado como apreendido, buscando empreender de processos cotidianos da experiência *vividasentida* na supervisão do PIBID Geografia.

Desse modo, a dissertação intitulada *Cartografia de si: processo formativo no PIBID Geografia em perspectivas plurais* (ALVES, 2019) objetivou compreender como a experiência formativa de uma professora supervisora no PIBID Geografia contribuiu com os processos e reflexões sobre o pensar/fazer a docência. O estudo sucedeu baseado na vivência como professora supervisora no programa no período de 2014 a 2018, na função de coformadora de futuros docentes, através do compartilhamento das experiências profissionais.

A pesquisa destaca o PIBID (Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência), criado pela CAPES em 24 de junho de 2010 (BRASIL, 2010), que incentiva a iniciação à docência em nível superior e dá qualidade a educação básica, articulado através de parcerias entre IES (Instituições de Ensino Superior) e escolas da rede pública de ensino. Nessa tessitura, dialogamos com as ideias de Macedo (2010), que inspirado em Stenhouse exprime que todo educador deveria assumir o papel de cientista no cotidiano.

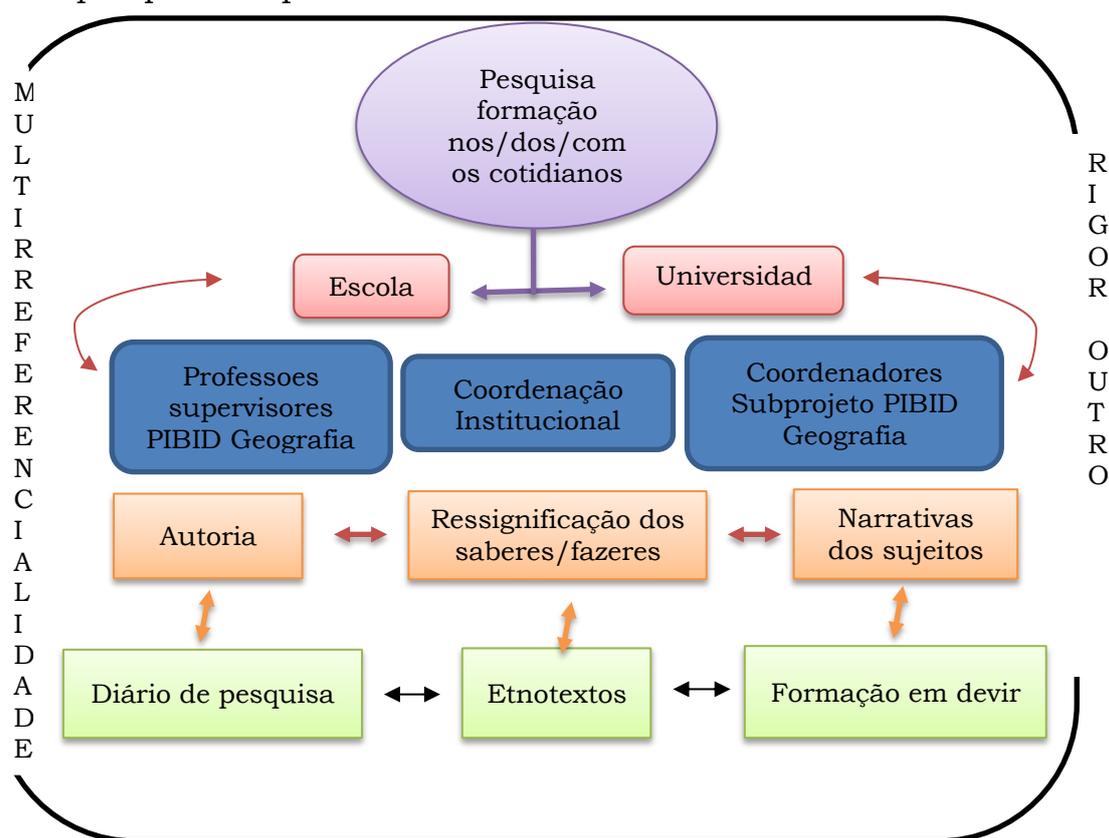
Revelamos a implicação das autoras ao cartografar espaços, sujeitos e sentimentos envolvidos no cotidiano escolar e interceptados por histórias que se encontram e se (re) constroem. Ritmados por vários sons e movimentos, se revelam as cores e sabores do percebido na pesquisa-formação multirreferencial (ARDOINO, 1998; MACEDO, 2010).

O mergulho nos cotidianos (ALVES, 2001) tencionou o conhecimento de si e de outros no processo formativo, das relações estabelecidas, do reconhecimento



das subjetividades e pluralidade dos envolvidos. É nesse sentido que as pesquisas realizadas contrariam a ciência moderna, que nega esse envolvimento, dado que não reconhece as necessidades próprias a partir do lugar de fala^{vii} de quem se forma ao formar. Na ilustração (Figura 3), lançamos os dispositivos metodológicos autorais da pesquisa-formação no processo formativo no PIBID Geografia, realizada no ano de 2019, no POSEDUC/UERN.

Figura 3 - Dispositivos da pesquisa Cartografia de si: processo formativo no PIBID em perspectivas plurais.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

A pesquisa-formação nos/dos/com o cotidiano é tecido baseado na relação escola-universidade, considerando o lugar de fala da professora pesquisadora e supervisora PIBID Geografia e seu vínculo com os demais envolvidos no estudo. Assim, destacamos três professores supervisores PIBID Geografia, dois coordenadores do subprojeto Geografia e uma coordenadora institucional. Em sucessão de autoria e resignificação dos *saberesfazeres*, concebemos as



narrativas dos sujeitos a partir do diário de pesquisa e registros em áudios com os docentes envolvidos na investigação, assim como da releitura dos etnotextos.

Na dinâmica de hermenêutica existencial (MACEDO, 2010), destacamos subsídios que surpreendem pela capacidade de contar e enveredar por diferentes momentos e contextos. Lançamos de dispositivos próprios no espaço e tempo *vividossentidos* com um *rigor outro* (MACEDO, 2009) para responder indagações acerca das formações concebidas no PIBID - subprojeto de Geografia e apreender se elas contribuem na formação continuada e constituição do sujeito que se forma ao formar.

De modo autoformativo que tenciona o *caminhar para si*, encontramos nesse decurso espaço para esperar o vivido e sua ressignificação a partir das redes de sentidos que se configuram em diferentes momentos da formação, forjando alternativas de construção dos dispositivos próprios na pesquisa.

O diário de pesquisa se tornou importante aliado nessa praxe de cartografar a si, permitindo a escuta e o dizer de si. Acrescentamos, ainda, a oportunidade de se recriar momentos. Esse instrumentário, no dizer de Barbosa (2014, p. 146), “[...] possibilita o se postar na calçada para se ver passar. Um se ver de fora”. A ação de parar, silenciar e escutar a própria voz que ecoa através da escrita ou de áudios produzidos por artefatos tecnológicos proporcionam não apenas a interpretação do escrito ou dito, mas do tom utilizado – falado/silenciado. A distância das repetições e a particularidade de cada momento *vividossentido* potencializa esse gênero que revela a originalidade e autoria em seus momentos de devaneios e o encontrar-se ou perder-se em meio à sofisticada viagem no dizer de si.

Outros dispositivos acionados ganham forma pela importância e reflexão sobre o revelado. Sublinhamos os etnotextos – fixadores de experiência (MACEDO, 2010) representados pelos relatórios de supervisão PIBID Geografia, que recebe a nota de todas as atividades desenvolvidas, com realce para as reuniões, planejamentos, projetos, produções pedagógicas e científicas. Relevante



também é os registros digitais, que por meio das redes sociais permitiram rememorar textos, imagens, sentimentos e lances dos envolvidos.

Entre os etnotextos também ganham notoriedade a leitura e releitura de documentos que norteiam instrumentos da política pública educacional, em especial de programas de formação docente, como o PIBID. Esse retorno permite um olhar crítico ao momento vivido, tendo em conta as transformações que ocorreram ao longo do tempo e suas contribuições e retrocessos no período pesquisado. Essa criticidade hasteia de uma análise não apenas pelo que é dito verbalmente pelos outros, mas por aquilo que se é experienciado a partir do lugar de fala da professora pesquisadora e sua implicação.

Essa diversidade de dispositivos de escuta do outro e de si permite a produção de informações que se difere da ideia de coleta de dados, propiciando a conciliação entre as instâncias externas e o que há de mais pessoal ao sujeito. Consideramos a percepção de narrativas orais dos partícipes da formação no PIBID Geografia. Foram convidados a dialogar sobre suas experiências uma coordenadora institucional da UERN, dois coordenadores do subprojeto PIBID Geografia UERN e três professores supervisores PIBID Geografia, tencionando captar os incentivos na formação docente e as relações estabelecidas entre as instâncias envolvidas.

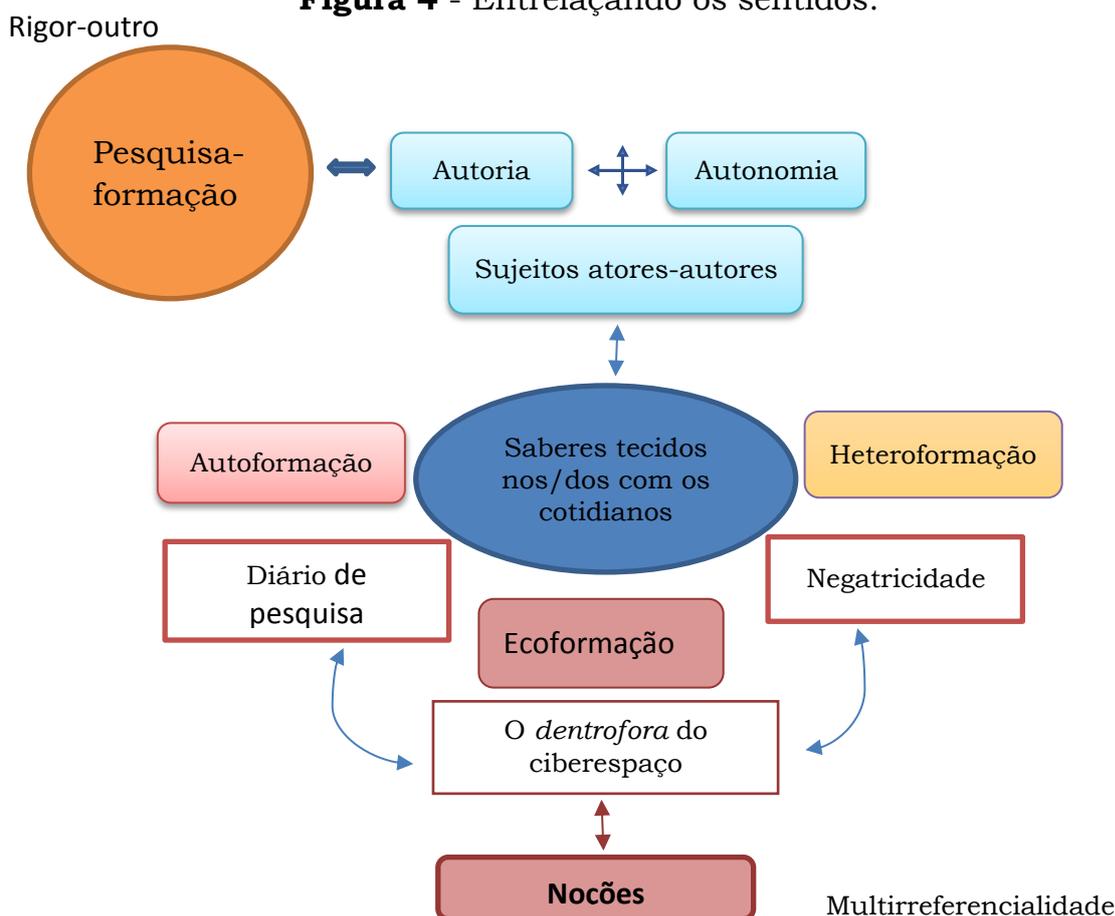
As discussões e o alcance das narrativas dos participantes permitiram a reflexão caleidoscópica, a partir de outras perspectivas, distanciando-se da formatação de padrões na pesquisa, o que permitiu o reconhecimento dos envolvidos da pesquisa-formação, razão da implicação e experiência singularizada.

Diante do que foi posto, é perceptível que a pesquisa-formação com um rigor outro é *pensada vivida praticada* com os sujeitos da/na pesquisa. Uma formação múltipla, concebida a partir das relações sociais, tecida em concordância com cenário e acontecimentos nos quais se desenvolve a pesquisa. Consoante ao que sugere Macedo (2010, p.161), inspirado por Michel Serres, a aprendizagem é uma viagem que “[...] só aprende quem viaja, até porque toda



aprendizagem implica num certo deslocamento, numa partida, numa travessia, numa chegada, no ir e voltar”; deslocamento em direção ao outro, mundo e a si mesmo; movimento que tecemos nessas pesquisas-formação. Sublinhamos os dispositivos metodológicos autorais de pesquisa-formação acionados pelas/nas experiências do estudo com os sujeitos na pesquisa, conforme ilustração abaixo.

Figura 4 - Entrelaçando os sentidos.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

A pesquisa-formação, mediada pelo viés multirreferencial, aceita e trabalha com a complexidade das realidades humanas, estando preparada para os imprevistos, incertezas e as bricolagens na construção do conhecimento e da formação (MACEDO, 2010 p.159). Essa visão vai ao encontro do saber e dos acontecimentos cotidianos dos sujeitos atores-autores da/na pesquisa.



A noção de sujeito ator-autor é inspirada no tríptico agente-autor-ator de Ardoino (1998). O agente executa as tarefas, o ator coproduz sentidos e, sincronicamente, agrega suas subjetividades, e o autor ressignifica e cria significações. Nessa percepção, propomos a ideia desse sujeito como praticante cultural envolvido na pesquisa, coprodutor de concepções e produtor de saber. A pesquisa-formação possibilita formação diversa, que não limita e sequer separa pesquisador e pesquisados, mas dialoga com o múltiplo e os eventos, ao considerar que todos os indivíduos são atores-autores constituintes de gnosés.

As pesquisas retratam relações com as experiências, constituindo-se no *fazereser* pesquisador, nos afastando da neutralidade da ciência clássica e propondo um rigor outro baseado em uma fenomenologia própria e ampliando o pensamento humano na conectividade entre a totalidade do vivido com o vivente, com caráter de legitimidade e pertencimento. O propósito aqui apresentado ganha força através da mediação de mecanismos próprios, com realce às experiências *sentidasvividas* com os sujeitos, instigados a novas experiências, interação com outros instrumentos de formação, pessoas, na reflexão de si e do social (MACEDO, 2010).

Entendemos que as pesquisas-formação em foco nos levam ao tripé da autoformação, ecoformação e heteroformação (MACEDO, 2010, p. 66) como o “[...]caminho para a construção do saber, um instrumento capaz de promover mudanças nas ações do sujeito em formação, levando a uma possível transformação de si mesmo”. Acentuamos a força de dispositivos criados nessas pesquisas e suas implicações vivida por nós no cotidiano. Esse ato é apontado por Macedo (2010, p.70), ao afirmar que “[...] vários dispositivos pedagógicos e de pesquisa envolvendo a formação podem incentivar e criar condições para que a autoformação tenha a reflexão crítica como um de seus fundamentos”.

A autoformação se refere ao eu, isto é, a ação do indivíduo sobre si mesmo, ao assumir a incumbência pela construção do próprio conhecimento. Nesse interim, consideramos a imersão ao diário de pesquisa, as narrativas dos envolvidos, a releitura de documentos e o rememorar, bem como as



interpretações desses dispositivos como possibilidades de se questionar diante do *vividossentido*. A pluralidade desses meios potencializa uma hermenêutica de si, não no sentido de isolamento frente ao processo, mas de enveredar por outros ângulos que denunciam a necessidade de reconhecer do outro formação crítica e própria.

Destacamos excertos dos diários de pesquisa que remetem à reflexão e inquietação *sentidavivida* na/com as experiências:

A dificuldade de romper com paradigmas, enraizados na formação e criar novos mecanismos, para engendrar novos caminhos, se apresenta de maneira singular em cada um. Percebe-se o sujeito perante um processo de mudança, a partir do momento de embate com o outro. O momento de conflito nos aproxima de uma busca e cada um se percebe outro e não um ser único, que transbordou a partir do momento conflituoso. Onde está a verdade que é verdadeiramente minha e não permeada pelas verdades impostas pelo sistema? Nesse sentido, decifrar os sentidos que perpetuam meu ser e não o que se é estabelecido para o meu ser. Essa dependência que acompanha os primórdios de uma formação calcada em uma ciência que quantifica. Será possível viver a vida toda em um único referencial sem nunca questionar? Não se busca uma abertura por outros meandros? O sofisticado movimento de diferenciação com o outro e a percepção de que se é outro, e o aluno não é um ser mecânico e sem nenhuma referência, ele também é outro – Diário formativo, dezembro/2017 (ALVES, 2019. p. 60).

A escrita do diário me proporciona um olhar diferenciado sobre as vivências. Ao reler os escritos o misto de sensações me invade. Sentimento de orgulho, satisfação, decepção, vergonha, etc, vão surgindo e a cada releitura um novo sentido e um novo sentimento vai sendo construído. Reler o diário é ir ao encontro da minha experiência, da minha vivência, é me encontrar comigo mesma em formação, mas em um outro momento, com um outro olhar que me proporciona outras aprendizagens – Excertos do diário de pesquisa, 06 de novembro de 2017 (OLIVEIRA, 2019. p. 60).

Acreditamos que é na inquietação e reflexão na/com a prática que encontramos espaço para o diálogo formativo contínuo e diversificado. Aprendemos a voltar o olhar para si, refletido na/com a prática.

Quando se diz que a aprendizagem é sempre um fenômeno relacional, potencializando sua constituição interativa, *intercompreensiva*, estamos reconhecendo que a formação se realiza no contato significativo com o outro e consigo mesmo (MACEDO, 2010, p. 73).



Reconhecer essa compatibilidade e/ou incompatibilidade é criar ambiências favoráveis ao crescimento intelectual e humano, haja vista a *heteroformação* e suas implicações na pesquisa.

A heteroformação é o envolvimento do eu com o outro na formação, há reciprocidade e conhecimento simultâneo, isto é, o sujeito aprende ao passo que ensina; encontra-se no olhar plural multirreferenciado, inspirado na epistemologia humana do inacabamento e realização enquanto práxis que se tece na bricolagem, aproximação e heterogeneidade dos/nos/com os seres (MACEDO, 2012). Essa ordem é potencializada pela visão da negatividade, condição para a alteridade (ideia do outro) e a alteração (ação do outro).

Ardoino (1998 *apud* MACEDO; BARBOSA; BORBA, 2012, p. 49) explica a negatividade “[...] como a capacidade que cada um pode ter de ‘desjogar’, pelas suas próprias contra-estratégias, as estratégias do outro que pesam sobre ele, das quais ele se tornou um objeto”.

A capacidade humana de se manifestar, traindo as expectativas colocadas, aproxima-se da alteridade e alteração, o que permite uma experiência formativa múltipla (autoformação e formação com o outro). A negatividade *sentidapercebida* na relação com os sujeitos dá inteligibilidade à pesquisa e amplia as chances formativas, nos aproximando do que é multimodo, trazendo à complexidade do mundo real (KINCHELOE: BERRY, 2007) no *dentrofora* da escola.

Quando abordamos esse espaço educativo, pensamos nos saberes tecidos na relação dos/nos/com os cotidianos, considerando o meio ambiente, as culturas e o mundo *ciber* que estamos imersos, bem como outros acessos que inflexionam a formação para a mudança de paradigma (MACEDO 2010). A *ecoformação* encontra lugar nas possibilidades serpenteadas pelas pesquisas, considerando o encontro entre o cotidiano do *praticante ordinário* e o universo da cibercultura, corroborando com um outro movimento: a transformação. A ideia de *trans* (MACEDO, 2010) evoca a passagem de uma situação a outra, representada



em nossos estudos pela autonomia e autoria desencadeadas pelo rigor outro na investigação.

Autonomia que nos leva a perceber a formação como devir, não limitada ao que foi posto nos estudos, mas que estão para além do dito. A formação como modo permanente que se faz na/com a experiência refletida e ressignificada nos instiga a novas reflexões, ao retomar o vivido. Dessarte, a ecoformação transita contínua no *dentrofora*, favorecendo aprendizagens que não se encerram ao que foi dito/ escrito, mas que se faz em nós a cada leitura, resgate e ressignificado ao sentido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, reunimos duas pesquisas de mestrado que executaram da pesquisa-formação e epistemologias multirreferencial e com os cotidianos. Apresentamos experiências que se tecem em gnosiologias acontecimentais e metodologias autorias, em que a formação de si ganha foco, buscando superar da dicotomia sujeito-objeto preconizada por teorias das ciências positivistas modernas.

As pesquisas se desenvolveram em uma bricolagem com um rigor outro, em que os sentidos do pensar e fazer o estudo se dão no contexto e ato da investigação, aguçando a postura hermenêutica e etnometodológica inerente aos saberes acontecimentais autorizantes do ser/fazer pesquisa-formação multirreferencial e com os cotidianos.

Os resultados evidenciam a possibilidade do inesperado, do caminhar na pesquisa incluindo-se no processo de transformar-se, sendo, portanto, potência formativa em um devir autorizante. Os processos (trans) formativos apresentados se faz no tripé reflexão sobre o eu pesquisador, implicado com o processo formativo que se ver diante dos desafios; na aprendizagem que se tece na relação com os partícipes da pesquisa e; no liame com o meio em que estamos inseridos,



respeitando os *espaçostempo* de formação vitais à evolução da relação do sujeito consigo, com o outro e com o mundo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Clédna Kalyne Medeiros Dantas. **Cartografia de si:** processo formativo no PIBID Geografia em perspectivas plurais. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2019. Disponível em: <http://propeg.uern.br/poseduc/default.asp?item=poseduc-disserta%E7oes-2017>. Acesso em: 10 jun. 2020

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (org.) **Pesquisa no/do cotidiano nas escolas:** sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p 13-38.

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, ago. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200005&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 09 jun. 2020.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. (org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação.** São Carlos: EdUFSCar, 1998. p. 24-41.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves; HESS, Remi. **O diário de pesquisa:** O estudante universitário e seu processo formativo. Brasília: Liberlivro, 2010.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves. Uma escola multirreferencial: A difícil arte de se autorizar, o pensamento plural de Jacques Ardoino e a Educação. In: MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim Gonçalves; BORBA, Sérgio (org.). **Jacques Ardoino & a educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 42-55.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves. A perspectiva cultivada pelos estudos, pesquisas e ações formativas de Joaquim Gonçalves Barbosa, UFSCAR. In: MACEDO, Roberto Sidnei (org.). **Pedagogia Universitária:** a escola de Paris 8 em ciências da educação. Salvador: EDUNEB, 2014, p. 141-161.

CERTEAU, Michel De. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JOSSO, Marie Christine. **A experiência de vida e formação.** Tradução José Claudio; Julia Ferreira. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFR; São Paulo: Paulus, 2010. 341p.



KINCHELOE, Joe Lyons; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação:** conceituando a bricolagem. Tradução Roberto Gataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MACEDO, Roberto Sidnei. Outras luzes: um rigor intercítico para uma etnopesquisa política. *In:* MACEDO, Roberto Sinei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa:** educação e ciências humanas. Salvador: UFBA, 2009, p. 75-126. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/206/1/Um%20rigor%20outro.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2020.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Compreender/mediar a formação:** o fundamento da educação. Brasília: Liber Livro, 2010.

MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim Gonçalves; BORBA, Sérgio (org.). **Jacques Ardoine e a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

OLIVEIRA, Bruna Rafaela Evangelista de. **Leitura na cibercultura:** dispositivos para a ampliação dos multiletramentos. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2019. Disponível em: <http://propeg.uern.br/poseduc/default.asp?item=poseduc-disserta%E7oes-2017>. Acesso em: 10 jun. 2020.

OLIVEIRA, Bruna Rafaela Evangelista; RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes. Ciberleitura na educação básica: realidade possível? **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 354-383, 1 mai./ago. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/39384> Acesso em: 01 jun. 2020.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 98, p. 47-72, abr. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302007000100004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 01 jun. 2020.

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes. **A sala de aula no contexto da cibercultura:** formação docente e discente em atos de currículo. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

RIBEIRO, Mayra Rodrigues; SANTOS, Edméa. Autoria na pesquisa-formação na Cibercultura: diálogos com a multirreferencialidade e com os cotidianos. *In:* RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes; AMORIM, Giovana Carla Cardoso;



NASCIMENTO, Hostina Maria Ferreira do (org.). **Docência e Formação:** perspectivas plurais na pesquisa em educação. Curitiba: CRV, 2017, p. 23-34.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-Formação na Cibercultura.** Santo Tirso. Printhauss, 2014.

ⁱ A junção da palavra ganha inspiração nos estudos de Alves (2003). A autora considera importante para marcar os sentidos que buscam superar a dicotomização herdada na racionalidade da ciência moderna. Esse e outros neologismos apresentados no texto expressam a busca pela ruptura com os princípios de uma dicotomia naturalizada nas formas de ver e expressar o conhecimento e revelam a força política das palavras quando engendradas de sentidos.

ⁱⁱ Alteridade ideia do outro. Alteração ação do outro (Ardoino, 1998).

ⁱⁱⁱ Inspirada em Deleuze e Sousa Dias, Nilda Alves (2010) diz que os personagens conceituais são figuras, argumentos ou artefatos que entram como o outro – aquele com quem se conversa e permanece presente por muito tempo para que possamos acumular as ideias necessárias ao desenvolvimento de saberes. Esses personagens são, nas pesquisas com os cotidianos, condição para que o pensamento se desenvolva e crie novos conhecimentos.

^{iv} Postura epistemológica adotada na pesquisa, em que o pesquisador usa as ferramentas disponíveis para tecer os saberes. O bricoleur entende que a interação dos pesquisadores com os sujeitos do estudo é sempre complexa. Por isso, propõe o abandono do conceito ingênuo de realismo e atenção na posição de quem tece saberes na teia da realidade e dos saberes sociais; em uma pesquisa que se faz junto com os participantes, ampliando as redes de conhecimento dos sujeitos, ajudando a superar os limites do reducionismo monológico e ampliando a visão e percepção de mundo (KINCHELOE; BERRY 2007).

^v O uso do termo disparador de conversa é inspirado em Certeau (2014).

^{vi} Pixton é um *software* dedicado à criação de quadrinhos, tecnologia que dá a qualquer indivíduo a possibilidade de elaborar desse gênero com apenas alguns cliques. Ele foi empregado como dispositivo de pesquisa, em que os alunos produziram com base no objetivo da/na pesquisa.

^{vii} O lugar de fala diz respeito ao local de produção do conhecimento. Certeau (2014) o nominou operação historiográfica – entendido como a operação científica e seus componentes (um lugar social, uma prática e uma escrita); o lugar em que interdita e permite. No nosso caso, o PIBID, com suas regras, preceitos, limites, contingências e diálogos.

Recebido em: 23/06/2020

Aceito em: 17/02/2021

